

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Vanessa Vidor Duarte

**“SORA, QUE CADERNO EU PEGO?” – O MODELO LINEAR-DISCIPLINAR  
EM QUESTÃO**

Porto Alegre  
2º Semestre  
2010

Vanessa Vidor Duarte

**“SORA, QUE CADERNO EU PEGO?” – O MODELO LINEAR-DISCIPLINAR EM  
QUESTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título em Licenciatura em Pedagogia.

**Orientadora:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Luísa Merino de Freitas Xavier**

Porto Alegre

2º Semestre

2010

## AGRADECIMENTOS

... primeiramente aos meus pais, por estarem sempre presentes na minha trajetória acadêmica, compreendendo minhas diversas ausências, me apoiando e me fornecendo o carinho necessário, e por sempre acreditarem em mim. São eles meu maior exemplo de caráter e retidão.

... ao meu muito mais que irmão, Vinícius. Amigo, conselheiro, companheiro, sempre tão paciente comigo, com quem tive conversas e discussões que me fizeram refletir muito durante este período em que estive na Universidade.

... à minha grande família, pessoas únicas que Deus colocou no meu caminho, e que de alguma forma se fizeram presentes na minha vida, me trazendo palavras de alegria, abraços confortantes e conselhos que me fizeram sempre seguir em frente.

... aos meus amigos verdadeiros, todos aqueles que me ajudaram a construir a minha história, contribuindo para a minha formação pessoal e intelectual, mas principalmente às amizades inseparáveis que construí durante o curso de Pedagogia aqui na UFRGS. Pessoas maravilhosas, que alegraram as minhas manhãs ao longo de quatro anos e que me fizeram dar um novo sentido à palavra lealdade: Ana Cristina, Carolina, Jaqueline, Manoela e Martina.

... aos professores da Faculdade de Educação, pela formação de qualidade adquirida, pelas inquietações, discussões e dúvidas provocadas, que me fizeram refletir sobre a educação, pelos momentos únicos de aprendizagens e troca de conhecimento.

... à professora Maria Luisa Merino de Freitas Xavier. A Malu, incansável e sempre disposta a me ajudar e contribuir nesse trabalho com a sua grande experiência.

... à todos os meus ex-alunos, que com certeza serviram de inspiração para que eu buscasse me qualificar cada vez mais na profissão escolhida e que me proporcionaram momentos únicos e gratificantes.

... e à Deus, por me acompanhar durante toda essa caminhada.

*[...] a instituição escolar oferece as peças de um quebra-cabeça (cada uma das disciplinas com seus blocos de conteúdo), porém não se compromete claramente a constatar se os alunos conseguem reconstituí-las de maneira compreensível.*

*Jurjo Torres Santomé, (1998, p.38).*

## RESUMO

A proposta desta pesquisa é discutir o uso e a adequação de dois modelos curriculares utilizados ainda hoje nas salas de aula: o Modelo Linear-Disciplinar e o Currículo Integrado via Pedagogia de Projetos, com apoio principalmente em autores como Jurjo Santomé e Fernando Hernández, modalidade esta adotada na minha prática docente. Para tal, foi realizada uma investigação de abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, apresentando características de estudo de caso, por ter sido realizada em um contexto específico. Foram utilizados como sujeitos desta investigação alunos da 4ª série do Ensino Fundamental, da turma na qual realizei minha prática docente, realizada no primeiro semestre de 2010, em uma escola da rede estadual de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Para a coleta ou produção dos dados desejados foram utilizados fichas, questionários e entrevistas semi estruturadas, baseadas nas respostas mais significativas ou menos claras coletadas. Após análises de tais dados foi possível inferir que grande parte dos alunos demonstrou ter aprendido as temáticas trabalhadas de forma integrada, através da Pedagogia de Projetos. Também foi possível constatar, que os alunos entrevistados viram tal modalidade - Currículo Integrado, via Pedagogia de Projetos - como a maneira mais fácil e mais divertida de aprender visto que desse modo consideraram possível um maior entendimento e identificação da turma com o assunto trabalhado.

**Palavras-chave: Currículo Integrado. Modelo Linear-Disciplinar. Pedagogia de Projetos.**

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1** - Síntese das respostas dos alunos nas fichas avaliativas ..... 24

**Tabela 2** - Síntese das respostas dos questionários ..... 27

## SUMÁRIO

<b>1 “SORA, QUE CADERNO EU PEGO?” - INQUIETAÇÕES A CERCA DO MODELO LINEAR-DISCIPLINAR NA MINHA PRÁTICA DOCENTE .....</b>	<b>7</b>
<b>2 O MODELO LINEAR-DISCIPLINAR E O CURRÍCULO INTEGRADO - DEFININDO ALGUMAS CARACTERÍSTICAS .....</b>	<b>13</b>
2.1 POR QUE SEPARAR?.....	13
2.2 INTEGRANDO OS SABERES.....	15
<b>CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....</b>	<b>20</b>
3.1 COMO TUDO ACONTECEU.....	20
3.2 O LOCAL DA PESQUISA E OS ALUNOS DA TURMA 42 .....	21
<b>4 OS DADOS PRODUZIDOS E AS ANÁLISES REALIZADAS .....</b>	<b>23</b>
4.1 O QUE DIZEM AS FICHAS AVALIATIVAS DA PRÁTICA DOCENTE .....	23
4.2 O QUE DIZEM OS ALUNOS NOS QUESTIONÁRIOS .....	26
4.3 O QUE CONFIRMAM OS ALUNOS NAS ENTREVISTAS .....	30
<b>5. CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>38</b>

## 1 “SORA, QUE CADERNO EU PEGO?” - INQUIETAÇÕES A CERCA DO MODELO LINEAR-DISCIPLINAR NA MINHA PRÁTICA DOCENTE

*Toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já sabido.*

*Sandra Corazza (1996, p.111)*

Durante o primeiro semestre do ano de 2010, cursando a sétima etapa do curso de Pedagogia da FACED/UFRGS, realizei o estágio de docência em uma escola da rede estadual do município de Porto Alegre em uma turma de 4ª série do Ensino Fundamental. Turma essa composta de 22 alunos, sendo 10 meninas e 12 meninos na faixa etária de 10 a 15 anos.

Durante os aproximadamente quatro meses em que estive presente na instituição, vivenciei diversas experiências que me permitiram realizar diferentes reflexões a cerca da minha prática docente. Percebi nesse período o quanto é gratificante, e ao mesmo tempo árduo, o trabalho docente. Gratificante ao olharmos para trás e perceber o quanto de nós foi deixado em cada aluno, e árduo pelas adversidades diárias às quais temos de nos submeter. No entanto, creio que o sentimento que permeou boa parte do meu período de prática, e que me levou a escrever este trabalho, foi o sentimento de dúvidas e questionamentos, principalmente em relação à organização do currículo, à seleção dos conteúdos, e aos horários fragmentados com que as áreas de conhecimento, as chamadas disciplinas escolares, eram trabalhadas com os alunos em quase todas as salas de aula na escola, inclusive na que eu deveria fazer meu estágio.

Desde o início de minha prática com a referida turma as minhas tardes de trabalho seguiam uma determinada rotina. Os grupos se formando na sala de aula, a agitação costumeira de mais um período de estudos, os bilhetinhos na minha mesa, e uma pergunta que se tornou recorrente: “*sora, que caderno eu pego?*”. Muitas vezes eu me via sem resposta para tal questão. E dessa minha falta de resposta, surgiram diversos questionamentos. Por que os conteúdos são ensinados assim, de maneira fragmentada, obrigando aos alunos o uso de diferentes cadernos? Qual a finalidade de separar as áreas de conhecimento de forma tão estanque? Por que ainda é aceito que assim é a melhor maneira de ensinar e aprender, uma vez que as

teorizações contemporâneas defendem outras maneiras de propor o ensino e a aprendizagem?

Tais questões me fizeram retomar as teorizações contemporâneas sobre processo educativo nas quais acredito. Durante o período de graduação, as leituras e discussões realizadas na Faculdade de Educação me fizeram entender a importância de trabalhar integrando as diferentes áreas de conhecimento nas salas de aula. Mas além das teorizações estudadas, as práticas por mim vivenciadas, tanto na condição de aluna como de professora<sup>1</sup>, me levaram a crer que um currículo onde as disciplinas se integrem e onde os alunos percebam a importância e a utilidade do que é estudado na vida deles, se torna muito mais produtivo, interessante e atrativo.

No período da prática docente realizei meu planejamento do trabalho pedagógico baseado nessas crenças, nessas teorizações, procurando não fragmentar as disciplinas dentro do meu Projeto Semestral<sup>2</sup>, de maneira a proporcionar aos alunos uma visão integrada e contextualizada de cada um dos assuntos estudados. Nesse sentido, me apoiei nas ideias de Hernández (1998), entre outros, que defende que a escola deve formar indivíduos com uma visão mais global da realidade, vinculando a aprendizagem a situações e problemas reais, trabalhando a partir da pluralidade e da diversidade e preparando os alunos para aprender por toda a vida.

Durante o referido período de estágio, realizei diversas atividades que me levaram a confirmação das minhas ideias sobre a importância de integrar as diferentes áreas de conhecimento. Meu projeto semestral intitulado “Nossas Raízes – Nosso Estado, Rio Grande do Sul”, surgiu de uma conversa com a turma, onde falávamos sobre um conteúdo que deveria ser trabalhado na disciplina de Estudos Sociais, que englobava o estudo de Geografia e História, que era o Rio Grande do Sul. Durante essa conversa, percebi que eles tinham curiosidade de saber mais sobre as suas origens, de onde vieram seus antepassados, e também sobre coisas simples, como por exemplo, a origem de determinados alimentos. Sendo assim, a ideia de saber mais sobre o nosso estado, foi além do que estava proposto nos

---

<sup>1</sup> Cargo esse exercido por mim ao longo do curso, uma vez que concluí o curso de Magistério no ano de 2002.

<sup>2</sup> O Projeto Pedagógico Semestral é exigência da disciplina de Estágio de Docência do curso de Pedagogia/UFRGS.

livros didáticos. Como estratégias pedagógicas, me utilizei de conversas, lendas, livros de literatura, enfim, busquei informações em diversas fontes e também instiguei a turma à também pesquisar sobre o tema de nosso projeto. .

Sendo assim, vou de encontro ao que diz Xavier (2000), quando afirma que um planejamento deva ser construído através de uma temática significativa, temática essa que dê conta dos chamados “saberes não escolares”, representativos dos interesses das culturas infantil e juvenil tão negligenciadas pela escola. Vejo como de extrema importância que os professores e a escola valorizem esses saberes, e mais do que valorizar, percebam a riqueza que há em cada aluno, e toda a bagagem cultural que possuem quando entram em uma sala de aula. É preciso que a escola saiba aproveitar ao máximo suas histórias de vida, utilizando-as como fonte de conhecimento, unindo isso aos conteúdos escolares, para que desse modo, a aprendizagem seja se fato significativa para os alunos. Nesse caso, faço valer o significado de cultura defendido por Hernández (1998. p.50): “Entendo, aqui, a noção de cultura num sentido concreto: como o conjunto de valores, crenças e significações que nossos alunos utilizam para dar sentido ao mundo em que vivem.”

Pude vivenciar na minha turma de prática docente a importância dessa valorização. Dentro do projeto semestral propus à turma que realizasse uma pesquisa sobre as etnias formadoras do Rio Grande do Sul. Cada dupla ficou responsável por pesquisar como e por que esses povos vieram para o nosso estado e as principais contribuições deixadas pelos mesmos. Antes mesmo das apresentações dos trabalhos era possível notar o envolvimento de todos com a produção, envolvimento esse visível na busca de materiais e na criatividade buscada para expor o material que estavam coletando. (Diário de Classe – 19/05/2010) <sup>3</sup>. No dia das apresentações, todo esse comprometimento ficou evidenciado na postura dos alunos e na curiosidade que todos manifestaram, fazendo muitas perguntas aos outros colegas que tinham realizado pesquisas diferentes das suas. Tal situação permitiu-me perceber e confirmar o estudado, ou seja, que quando uma atividade proposta tem significado para a vida dos alunos, diz respeito às suas vivências e à sua história, gera grande interesse o que faz com que as aprendizagens daí decorrentes sejam de fato significativas.

---

<sup>3</sup> O Diário de Classe se constitui de um documento construído ao longo do estágio de docência. Nele contem o Planejamento Semestral, os planos de aula diários e as reflexões feitas por mim durante esse período.

Penso também ser importante destacar, nessa análise das práticas encontradas nas escolas de um modo geral, a excessiva valorização de determinadas disciplinas em detrimento de outras. Acredito que deveria haver maior preocupação da escola em organizar os horários de maneira que fossem contempladas de forma menos fragmentadas as diferentes áreas de conhecimento, sem que fossem necessariamente trabalhadas divididas. Faço tal afirmação devido ao horário existente na minha turma de estágio onde a quantidade de horas destinada ao estudo de Matemática era de sete períodos<sup>4</sup> e de Língua Portuguesa de oito períodos, enquanto disciplinas como Estudos Sociais (História e Geografia), foco de meu projeto, dispunham de apenas dois períodos semanais, o mesmo acontecendo com Educação Artística e Educação Física. Este fato de certa forma dificultava o desenvolvimento de meu trabalho, pois, o mesmo era focado justamente naquelas disciplinas, conforme referido. Eram questões sempre presentes para mim: de que maneira eu deveria proceder para “vencer” o conteúdo e não deixar que perdesse o sentido? Segundo Santomé:

Com estas modalidades curriculares, meninos e meninas aprendem, por exemplo, que a matemática é importante, especialmente algumas nuances da mesma, embora não compreendam bem para que serve nem qual é a sua utilização na vida cotidiana, porque simplesmente não são problemas básicos. [...] Em suma, na maioria das ocasiões, o resultado é uma espécie de sacralização ou idolatria do saber, porque ele não é compreendido e sua utilidade e funcionalidade não são captadas. (Santomé, 1998, p.107)

Situação como esta descrita pelo autor, essa *não funcionalidade do saber*, vi acontecer muitas vezes na minha sala de aula. Incomodava-me bastante o fato dos alunos estarem ali sentados para aprender algo que eu não percebia como útil para eles, a não ser para “irem bem” nas provas. Estudavam algo que tão logo saíssem dali, seria esquecido.

Sendo assim, pensando nos aspectos acima apresentados, propus à turma que confeccionássemos uma “Revista do Rio Grande do Sul”, um Portfólio, onde deveriam ser registradas todas as produções realizadas pela turma que envolvesse o tema a ser estudado. Segundo Hernández (1998), o Portfólio tem como função facilitar a reconstrução e a reelaboração de cada estudante do seu processo ao longo do curso ou período de ensino. A ideia era mostrar-lhes que era possível falar do nosso estado não só nas poucas aulas de Estudos Sociais que tínhamos durante

---

<sup>4</sup> A tarde era dividida em cinco períodos de 45 minutos cada um e o recreio.

a semana, mas também nas aulas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Educação Artística. O trabalho desenvolvido com a turma teve diversos pontos positivos como o grande interesse gerado pelo tema, as diversas contribuições trazidas pelos alunos, o empenho mostrado nas realizações das pesquisas, o respeito ao ouvir as colocações dos colegas, a grande participação nas atividades propostas, assim como as numerosas aprendizagens realizadas no período, possíveis de serem constatadas nas fichas avaliativas respondidas ao fim do projeto.

Quando o meu período de prática chegou ao fim, eu tinha consciência que, apesar de ter trabalhado com aquela turma durante três meses de maneira diferenciada do que eles estavam habituados, integrando as diferentes áreas de conhecimento, tão logo eu saísse da sala de aula, o modelo linear disciplinar voltaria a fazer parte da rotina dos alunos, e os cadernos utilizados de maneira separada por disciplina, voltariam a ter espaço na sala de aula uma vez que esta era a forma de trabalho mais frequente da escola.

A partir dessa constatação e de todas as situações vivenciadas surgiu o meu tema de pesquisa, assim delineado: O currículo integrado via a Pedagogia de Projetos é de fato uma das melhores maneiras de ensinar e aprender? Desse problema surgiram outras questões que julgo serem importantes também abordar, tais como: Trabalhar integrando diferentes disciplinas favorece as aprendizagens dos alunos? Como os alunos vêem as vantagens e as desvantagens do estudo das disciplinas de forma separada, e como vêem as vantagens e as desvantagens do estudo das disciplinas de forma integrada? E, ainda, qual desses modelos os alunos julgam ser mais prazeroso e mais produtivo para suas aprendizagens?

Buscando responder a estas questões realizei uma pesquisa com os alunos da minha turma de prática docente com quem havia trabalhado utilizando o modelo de Currículo Integrado via um projeto de trabalho baseado na Pedagogia de Projetos (Hernández, 1998). É minha intenção apresentar nesta monografia a investigação realizada.

No primeiro capítulo do trabalho explicitarei algumas das práticas que realizei durante aquele período e as dúvidas que me levaram a escolher o tema de pesquisa. No segundo capítulo, realizei uma contextualização da temática escolhida situando as origens do modelo Linear-Disciplinar e do Currículo Integrado, bem como algumas características de ambos. Para isso me apoiei em autores como

Hernández (1998) e Santomé (1998) principalmente. No capítulo seguinte mostrei os caminhos da investigação para tentar responder às minhas dúvidas iniciais. Realizei para tal uma pesquisa qualitativa, na modalidade de estudo de caso e de inspiração etnográfica. Como instrumentos de investigação utilizei meu Diário de Classe, as fichas avaliativas realizadas ao final do período de estágio e questionários aplicados aos alunos da minha turma de prática de ensino, seguidos de entrevistas semi estruturadas, buscando resgatar com as mesmas o que não tinha ficado claro nas respostas analisadas por mim nos referidos questionários, durante a realização do presente trabalho. No quarto capítulo, analisei os dados coletados e produzidos, frente à linha teórica adotada e por fim, no último capítulo explicitarei as considerações possíveis a cerca do tema estudado.

## **2 O MODELO LINEAR-DISCIPLINAR E O CURRÍCULO INTEGRADO - DEFININDO ALGUMAS CARACTERÍSTICAS**

*É permitir a crianças que construam o sentido de sua atividade de aluno.  
Josette Jolibert (1994, p.21)*

No presente capítulo, analiso a introdução nas instituições escolares, na sociedade ocidental no início da modernidade, do Modelo Linear-Disciplinar e as suas principais influências nos processos de ensino e aprendizagem. Também apresento algumas características do Currículo Integrado, na modalidade de Pedagogia de Projetos, bem como os principais defensores dessa modalidade de organização do ensino.

### **2.1 POR QUE SEPARAR?**

O modelo de organização do ensino que se vê com mais frequência hoje, na grande maioria das escolas tanto públicas como privadas, é o que se conhece como a forma mais clássica de ensino, ou seja, o Modelo Linear-Disciplinar. Tal modelo consiste em organizar as disciplinas de maneira separada dentro do horário escolar, ou seja, o professor organiza seu planejamento de maneira que contemple as diferentes áreas de conhecimento sem que haja necessidade de integração entre elas. Essa maneira de organização pode levar os alunos a não compreenderem o sentido ou a validade do que está sendo proposto, em muitos casos, pois não permite uma maior compreensão da realidade em que vivem. Essa proposta parece produzir uma maior dificuldade de ligar os conteúdos escolares com a vida dos alunos, pois como afirma Santomé (1998, p.41): “Quanto maior for a compartimentação dos conteúdos, mais difícil será sua compreensão, pois a realidade torna-se menos precisa”.

Se olharmos para a forma como a maioria das escolas hoje organiza suas disciplinas e horários, perceberemos grande influência do modelo acima citado, que começou a ser contestado já no início do século XX, por trabalhar as propostas escolares de maneira descontextualizada e fora do mundo concreto dos alunos.

Segundo alguns autores, entre eles Santomé (1998), esse modelo curricular pode ser considerado um reflexo da maneira de organização da sociedade do século

XIX, onde os meios de produção exigiam apenas que seus trabalhadores soubessem executar uma pequena tarefa, sem contemplar o todo que estavam produzindo. Segundo esse autor essa forma de organização logo passou a influenciar a maneira de pensar a organização curricular, dando início ao modelo acima referido. Dessa forma, alunos e trabalhadores da época viam-se incapazes de opinar nos meios onde atuavam e participavam. Refere que tanto os movimentos trabalhistas como a classe docente e estudantil daquela época iniciaram um processo de contestação do modelo, já notando que “os seus resultados práticos contribuíam para impedir a reflexão crítica sobre a realidade e a participação na vida comunitária.” (SANTOMÉ, 1998, p.14).

Pelas razões acima citadas, entre outras tantas, questiono se o Modelo Linear-Disciplinar pode dar conta das necessidades dos nossos alunos de hoje e da sociedade atual. Penso que se no início do século passado já havia movimentos que o contestavam e o julgavam como não sendo o melhor para preparar crianças e jovens para viver em sociedade, questiono: por que ainda hoje a grande maioria das escolas não consegue abandoná-lo?

A maneira como o currículo ainda é, em geral, organizado nas escolas separando as diferentes áreas de conhecimento, faz com que os alunos não ampliem sua visão sobre os conteúdos que estão sendo trabalhados, e nem sobre o mundo em que vivem. Penso também que dessa maneira não há como o aluno perceber a importância do que está sendo estudado, pois com as disciplinas fragmentadas, não é possível ver a utilidade de tais fragmentos de conhecimento na vida prática, nem perceber as relações existentes entre os mesmos.

Desse modo, vou de encontro com o que afirma Santomé (1998) quando denuncia a aquisição de conhecimentos e domínio das diferentes disciplinas com o único objetivo da promoção escolar. Esse tipo de currículo acaba se configurando para o mesmo autor como um “currículo quebra-cabeças”, já que não há relação nenhuma entre as áreas trabalhadas.

Outro ponto a ser destacado a cerca do Modelo Linear-Disciplinar é o papel do professor. No meu ver, nesse modelo de organização escolar, há um grande risco de acontecer uma acomodação dos profissionais em educação, já que não há tempo e nem espaço para possíveis inovações. Em geral os professores recebem os livros didáticos e uma grade de horários pré determinados pela escola, onde lhes

cabe apenas seguir, sem que eles também muitas vezes não questionem a razão pela qual estão “ensinando” determinados conteúdos para suas turmas. Parece ser, sem dúvida, o caminho mais fácil, mas também parece não haver uma maior preocupação com uma maior formação cívica dos alunos.

Ainda questionando o papel do professor nesse modelo curricular, uso as palavras de Santomé (1998, p.126) quando fala que “Uma escola que planeja e desenvolve projetos curriculares com módulos disciplinares favorece o isolamento e a incomunicação profissional entre os diferentes professores.” Isolamento esse que não permite trocas mais sistemáticas de experiências entre os educadores, fazendo com que esses se limitem a pensar em estratégias que possam favorecer apenas à sua turma, podendo não perceber a importância que a troca de conhecimento tanto entre alunos como entre professores, tende a melhorar o andamento da escola da qual fazem parte.

## 2.2 INTEGRANDO OS SABERES...

A ideia da necessidade de interdisciplinariedade ou de unificação dos saberes no trabalho escolar data de algum tempo atrás. Conforme Santomé (1998), registros mostram que intelectuais como Platão já defendiam a proposta de uma ciência unificada, cabendo essa tarefa à Filosofia. Também é possível citar o *trivium* (gramática, retórica e dialética) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música) como um programa de conteúdos integrados, maneira como as primeiras universidades, na Idade Média, organizavam o seu modelo curricular. Já no século XVII, o considerado pai da Didática Moderna, Jean Amós Comenio, em sua obra clássica *Didática Magna*, fala sobre a *pansophia*, concebida como a universalização do saber, apostando na proposta de integração, relacionando os saberes entre si.

Essa tem sido uma preocupação constante para muitos educadores. É possível citar alguns pensadores modernos preocupados em criar maneiras de ensinar que dessem conta de uma maior integração das áreas de conhecimento como facilitadoras do ensino-aprendizagem. Alguns exemplos datam do século passado, como Kilpatrick (1973), que defendia uma Pedagogia que se preocupasse com o interesse dos alunos na escola, bem como os estudos de Dewey que, segundo Pitombo, (1974, p.138) defendiam que, “[...] a atividade reflexiva dos alunos não deve ser solitária ou individual, mas social pela discussão e colaboração entre

todos os alunos [...]”. Merece ainda serem referidos os Centros de Interesse de Decroly, além dos conhecidos trabalhos de Freinet, (1986) autores esses que também buscavam em suas concepções pedagógicas integrar os conhecimentos escolares de maneira que fizessem sentido e tivessem significado para a vida dos alunos.

Pensar em um Currículo Integrado hoje é levar em conta aspectos que favoreçam a formação não só escolar do aluno, mas que se preocupem também com a sua Educação Integral, ou seja, que dêem conta dos aspectos físicos, morais, sociais, culturais e intelectuais.

No entanto, creio que não se chega a esse objetivo sem que o professor se aproxime de seus alunos, sem entender o que se passa com cada um deles e o que realmente almejam. Sendo assim, percebo que integrar as disciplinas, embora importante, não é o bastante. O professor deve ter consciência de ‘para quê’ e ‘por que’ integrar, e ter a preocupação de avaliar se o trabalho proposto fará ou não sentido para o grupo de alunos, pois como afirma Jolibert (1994, p.21), “É preciso que as crianças que vêm à escola possam engajar-se em seu próprio aprendizado (ao invés de sofrer um ensinamento).” Se os alunos apenas sofrerem um ensinamento, segundo a autora, ele não fará sentido, fazendo com que não haja criação de significados e vínculos entre escola, conteúdos, sala de aula e a vida dos alunos. É preciso que os estudantes desenvolvam dentro da sala de aula a vontade de continuar aprendendo por toda a vida, e percebam a importância de tal aprendizagem para além da escolaridade.

Além do já referido acima, é possível citar ainda outros argumentos que nos fazem pensar no Currículo Integrado como uma alternativa de bons resultados frente ao Modelo Linear-Disciplinar, vigente ainda na maioria das escolas. Conforme Hernández (1998) pode-se destacar entre eles, uma melhor utilização e também uma melhor organização do tempo escolar, já que poderá não haver interrupções entre as trocas de períodos, fazendo com que os alunos mantenham-se mais tempo concentrados em uma mesma atividade. Também se destaca a possibilidade de comunicação e o intercâmbio entre os professores, o que pode resultar em um melhor acompanhamento das aprendizagens dos alunos. Ainda segundo o mesmo autor:

Frente à experiência fragmentada que possibilita a formação atual dos estudantes, o denominado currículo integrado pretende organizar os conhecimentos escolares a partir de grandes temas-problema que permitem não só explorar campos de saber tradicionalmente fora da Escola, mas também ensinar aos alunos uma série de estratégias de busca, ordenação, análise, interpretação e representação da informação, que lhes permitirá explorar outros temas e questões de forma mais ou menos autônoma. (Hernández, 1998, p.52)

Essa maneira de organizar o currículo favorece a interpretação dos temas estudados pelos alunos, conforme Hernandez (1998), ou seja, o aluno não se limita a apenas receber a informação do professor e correr o risco de aceitá-la como a única verdade. Esse exercício de interpretação parece ser fundamental para uma aprendizagem que produza sentido, pois só se interpreta aquilo que de fato se entende. Trabalhando dessa forma, alunos estarão, possivelmente, mais aptos a pesquisar, questionar e analisar as informações, tendo em vista que esse tipo de movimento faz parte do trabalho integrado em sala de aula. O conhecimento é construído junto com o aluno, e não para o aluno. Dessa forma há uma maior apropriação de saberes, e não apenas transmissão.

É possível ainda citar outros pensadores que defendem essa proposta de currículo. Santomé defende que:

O currículo globalizado e interdisciplinar converte-se assim em uma categoria “guarda-chuva” capaz de agrupar uma ampla variedade de práticas educacionais desenvolvidas nas salas de aula, e é um exemplo significativo de interesse em analisar a forma mais apropriada de contribuir para melhorar os processos de ensino e aprendizagem. (Santomé, 1998, p.27)

Sendo assim, percebe-se que, para o autor, essa modalidade curricular procura abranger o maior número de possibilidades de situações de aprendizagem dentro de uma sala de aula, permitindo assim aos alunos, maior opção e variedade para definirem aquela que mais se adapta ao seu ritmo escolar.

O Currículo Integrado se apresenta, portanto, como uma alternativa viável que procura contemplar em uma sala de aula os interesses dos alunos, procurando partir sempre de assunto que serão significativos e tenham relevância para sua vida além dos muros da escola.

### 2.3 PEDAGOGIA DE PROJETOS – VIABILIZANDO A INTEGRAÇÃO

O Currículo Integrado pode ser viabilizado em sala de aula através de algumas modalidades de trabalho. Durante meu período de prática docente me utilizei desse modelo curricular via Pedagogia de Projetos. Inicio esta seção com uma citação de Jolibert (1994, p.21), que procura retratar o que deve significar esse tipo de trabalho para os alunos: “A pedagogia de projetos permite viver numa escola alicerçada no real, aberta a múltiplas relações com o exterior: nela a criança trabalha ‘pra valer’ e dispõe dos meios para afirmar-se.” Ou seja, esse tipo de trabalho proporciona ao aluno uma interação do que acontece na sua vida dentro e fora da escola, lhe permitindo criar nexos e estabelecer relações, a fim de auxiliar nos processos de aprendizagem.

A Pedagogia de Projetos permite ainda que o aluno se dê conta do seu papel dentro da sala de aula, não sendo apenas o “coadjuvante”, e sim tomando decisões e participando da construção da sua rotina escolar, conforme afirma Xavier (2004, p.24):

Fazer viver uma sala de aula cooperativa é efetuar uma escolha de educador. Significa acabar com o monopólio do adulto que decide, recorta, define ele mesmo as tarefas e torna asséptico o meio. É fazer a escolha de um processo que leva a turma a se organizar, a dar-se regras de vida e de funcionamento, gerir seu espaço, seu tempo e seu orçamento. É permitir às crianças que construam o sentido de sua atividade de aluno. (Xavier, 2004, p.24)

Ao definir como método de trabalho esse tipo de proposta, o professor pode permitir ao aluno a vivência de experiências reais, concretas de organização e autonomia dentro da sala de aula. O aluno passa a ver o sentido e a sua função de ser aluno.

Além das referidas autoras, outros estudiosos em educação também trazem argumentos que procuram defender essa modalidade de ensino. Um dos maiores estudiosos desse tema é Hernández, autor já aqui muitas vezes citado, que define a Pedagogia de Projetos da seguinte maneira:

Essa modalidade de articulação dos conhecimentos escolares é uma forma de organizar a atividade de ensino e aprendizagem, que implica considerar que tais conhecimentos não se ordenam para sua compreensão de uma

forma rígida, nem em função de algumas referências disciplinares preestabelecidas ou de uma homogeneização dos alunos. (Hernández, 1998, p.61)

Conforme a definição do autor, essa maneira de organização do currículo privilegia a interação entre as diferentes áreas de conhecimento, proporcionando aos alunos, uma visão mais ampla dos conteúdos com os quais deverão trabalhar. O autor ainda leva em conta que o processo de aprendizagem não se dá de forma linear, ou seja, os alunos de uma mesma turma não possuem o mesmo ritmo de aprendizagem e nem os mesmos interesses, sendo que assim não é viável que todos aprendam as mesmas coisas no mesmo tempo.

Hernández (1998, p.62) ainda destaca a finalidade dessa modalidade de trabalho, ao concluir que:

[...] o que se pretende desenvolver com os Projetos é buscar a estrutura cognoscitiva, o problema eixo, que vincula as diferentes informações, as quais confluem num tema para facilitar seu estudo e compreensão por parte dos alunos. (Hernández, 1998, p.62)

Partindo dessa afirmação, pode-se considerar que trabalhar com um modelo de Currículo Integrado, via Pedagogia de Projetos, pode viabilizar maior entendimento por parte dos alunos a cerca do assunto a ser estudado, visto que as disciplinas estarão organizadas não de maneira linear, mas sim interligadas, todas tratando do mesmo tema, apenas sob pontos de vista diferenciados.

Tendo em vista tais considerações e o tipo de trabalho realizado durante meu período de prática, surgiu a necessidade de avaliar de uma forma mais sistemática as aprendizagens dos alunos em face do uso desta modalidade de ensino.

## CAMINHOS INVESTIGATIVOS

*Não dá para desejar que o mundo te seja leve, pois inventaste de ser intelectual.  
Sandra Corazza (1996, p.110)*

### 3.1 COMO TUDO ACONTECEU...

Conforme referido o principal objetivo dessa investigação é buscar algumas respostas a cerca da validade do trabalho realizado utilizando o modelo de Currículo Integrado via Pedagogia de Projetos, na minha prática docente, realizada no primeiro semestre do ano de 2010. Para tal, me utilizei da análise das minhas observações, anotações e reflexões realizadas durante aquele período, análises essas presentes no meu Diário de Classe. Utilizei-me, também, de fichas avaliativas aplicadas ao final do estágio, bem como de questionários e entrevistas semi estruturadas realizadas posteriormente com os alunos sujeitos de minha prática.

Identifico essa pesquisa como de abordagem qualitativa, de inspiração etnográfica, pois como descreve André (1994) me utilizei de técnicas adotadas pela etnografia, como as observações, a aplicação dos questionários, e a realização das entrevistas, sendo necessária a minha inserção no espaço da pesquisa para tal. Ainda segundo a autora (1994, p.37) “[...] o trabalho [...] proposto se volta para as experiências e vivências dos indivíduos e grupos que participam e constroem o cotidiano escolar.” A referida investigação também apresenta características de estudo de caso, pois como afirma André (2008, p.17): “[...] focaliza uma situação, um programa, um fenômeno particular. [...] É, pois, um tipo de estudo adequado para investigar problemas práticos, questões que emergem do dia-a-dia.”

Após o período de prática, busquei outros recursos investigativos, tendo em vista que apenas os dados disponíveis até então não me ajudariam a responder os questionamentos do meu tema de pesquisa e às questões que minha prática docente havia suscitado. Sendo assim, elaborei um questionário, com perguntas que visavam coletar a opinião dos alunos sobre a forma de trabalho, por mim realizado, integrando as diferentes disciplinas. Em novembro do presente ano o questionário foi aplicado a toda a turma, no horário normal de aula, com o consentimento da escola, após ter exposto à direção da mesma meus objetivos de investigação.

Posteriormente os questionários foram analisados juntamente com as fichas avaliativas aplicadas ainda no período da prática docente. Fichas essas que continham perguntas, assim como os questionários, sobre a validade do projeto no qual trabalhamos durante o primeiro semestre do ano de 2010.

É importante referir que após a análise dos referidos questionários selecionei quatro alunos para realizar uma entrevista de caráter semi estruturada, baseada nas respostas mais significativas ou menos claras coletadas nos citados questionários<sup>5</sup>. Percebi necessária a realização de tais entrevistas, pois, de acordo com Zago (2003, p.298): “A entrevista encontra-se apoiada em outros recursos cuja função é complementar informações e ampliar os ângulos de observação e a condição de produção de dados.” Busquei com a realização das mesmas, complementar e auxiliar a minha compreensão das respostas dadas pelos alunos nos questionários.

### 3.2 O LOCAL DA PESQUISA E OS ALUNOS DA TURMA 42

Realizei a presente investigação na escola onde realizei minha prática docente durante o primeiro semestre do ano de 2010. É uma instituição da rede pública estadual do município de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. Localiza-se na zona norte da cidade, muito próxima à região central. Conta com um amplo espaço físico: dois prédios, quadra coberta e pátios interno e externo. As salas de aula são em sua maioria grandes e bem arejadas. O entorno da escola constitui-se de casas e pequenos prédios residenciais, tendo como principal característica ser um bairro tranquilo. A grande maioria dos alunos vive nas proximidades da escola e pertencem, segundo dados da instituição, à classe média e média baixa. A comunidade é bastante envolvida com o funcionamento da escola, participando de festas e atividades organizadas com o objetivo de ampliar a integração entre ambas as partes e também arrecadar fundos para o benefício da comunidade escolar.

A equipe administrativa e pedagógica é formada pela direção, vice direção, e serviços de apoio administrativo: Secretaria, Serviço Pessoal e Serviços Gerais; SOE (Orientador Educacional e Conselheiros de turmas) e SSE (Serviço de Supervisão Escolar); e ainda pelo Conselho Escolar, que possui função consultiva,

---

<sup>5</sup> Para tal realização foi enviado para os pais desses quatro alunos um termo de consentimento livre e esclarecido visando permitir sua participação nas entrevistas.

deliberativa e fiscalizadora e é composto por 50% de pais e 50% de professores e servidores. A escola possui Regimento elaborado e seu Plano Político Pedagógico tem como data de última atualização o ano de 2006.

A turma 42 (4ª série do Ensino Fundamental) da escola referida acima, turma na qual realizei meu estágio de docência, era composta por 24 alunos, tendo eles idade entre nove e dez anos; sendo que quatro alunos tinham em torno de 14 anos na ocasião. A maioria morava em Porto Alegre, nos bairros que circundam a escola. Apenas três alunos moravam na cidade de Eldorado do Sul, localizada na região metropolitana da cidade de Porto Alegre. Grande parte da turma morava com os pais e irmãos. Dois alunos moravam em uma Casa Lar<sup>6</sup>, por terem sofrido abuso por parte de seus familiares. Outro aluno possuía graves problemas familiares, ligados a casos de prostituição e drogas.

Minha convivência com a turma durante o período de prática foi marcado por uma relação muito tranquila e produtiva. Os alunos mostravam-se em sua maioria, abertos às propostas de trabalho que eu propunha, diferenciadas das que faziam habitualmente. Percebia neles uma vontade grande de aprender, de descobrir o que havia além dos livros didáticos em vez de simplesmente copiarem os conteúdos passados no quadro verde. Importante referir, também, que alguns alunos no início do trabalho questionavam a minha proposta, afirmando que “aquilo não era aula”, situação essa que deixou de ocorrer ao longo do semestre.

---

<sup>6</sup> A casa-lar tem a finalidade de resgatar o ambiente familiar, substituindo a família original das crianças em situação de abandono, oferecendo-lhes a oportunidade de uma convivência afetiva equilibrada e saudável, condição indispensável ao seu pleno desenvolvimento. <http://ospiti.peacelink.it/zumbi/org/oaf/at2-abri.html> (acessado em 28 de outubro de 2010, às 18h).

## 4 OS DADOS PRODUZIDOS E AS ANÁLISES REALIZADAS

*A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.  
Jorge Larrosa (2002, p.21)*

### 4.1 O QUE DIZEM AS FICHAS AVALIATIVAS DA PRÁTICA DOCENTE

Ao final do meu período de prática docente era minha preocupação investigar a validade do trabalho realizado. Como havia me apoiado em Hernández (1998) e em sua proposta de Pedagogia de Projetos, percebi ser necessário avaliar a minha prática baseada em seus critérios de avaliação, pois segundo o autor (1998, p.94), “A avaliação permite, por um lado, que se obtenham evidências sobre o que o indivíduo recorda ou compreende da informação que foi apresentada ou estudada em sala de aula [...]”. Sendo assim, elaborei uma ficha avaliativa com questões que faziam referência ao que havíamos estudado durante o semestre, ou seja, meu projeto semestral intitulado “Nossas Raízes – Nosso Estado, Rio Grande do Sul”. Tais questões foram:

1. O que eu não sabia antes de começar a estudar o RS?
2. O que eu fiz para descobrir mais sobre esse assunto / onde pesquisei?
3. Depois de ter estudado sobre o assunto, o que eu aprendi?
4. Que coisas eu ainda gostaria de saber?

Preocupei-me em obter respostas sobre o que eles não sabiam sobre o assunto antes de iniciarmos os estudos, onde realizaram as pesquisas sobre o tema escolhido, e o que mais ainda gostariam de saber sobre o mesmo assunto. Dessa ficha destaquei para análise a pergunta onde questiono o que eles aprenderam sobre o Rio Grande do Sul após termos realizado o já citado Portfólio, onde foram registradas as sínteses dos trabalhos realizados sobre o tema.

Para viabilizar as análises tabulei as respostas obtidas e organizei-as em tabelas para poder extrair das mesmas os dados mais significativos.

1. O que eu não sabia antes de começar a estudar o RS	2. O que eu fiz para descobrir mais sobre esse assunto / onde pesquisei	3. Depois de ter estudado sobre o assunto, o que eu aprendi	4. Que coisas eu ainda gostaria de saber
A <i>linguagem</i> diferenciada do gaúcho, (variações linguísticas) <sup>7</sup> relevo e hidrografia e o papel do índio no nosso estado.	A grande fonte de pesquisa da turma foi a internet, livros da escola e também alguns que tinham em casa. Também foi bastante citada a sala de aula, o que para mim pode ser explicado pelo fato de haver muito material exposto nos murais. Também foi citada a troca de informações entre os colegas.	A <i>linguagem</i> do gaúcho e temas como relevo e hidrografia aparecem novamente, assim como na questão 1.	Pude notar que o trabalho sobre as etnias formadoras do nosso estado despertou interesse, curiosidade na turma e vontade de saber mais sobre o assunto. Aparecem também aspectos políticos e estruturais do RS, como número da população e de cidades existentes no estado.

**Tabela 1** - Síntese das respostas dos alunos nas fichas avaliativas

Conforme os dados acima é possível constatar que uma das respostas mais significativas e constantes foi em relação à *linguagem do gaúcho*, ou seja, a variação lingüística que temos no nosso estado, tema esse visto em praticamente todas as aulas. Falas como da aluna M., (9 anos): *Antes de eu começar a estudar o RS eu não sabia que algumas gírias só eram usadas aqui pelo gaúcho*, referem essas aprendizagens<sup>8</sup>, bem como a fala da aluna A., (9 anos), que também faz referência a tal tema: *Eu não sabia que a maioria das nossas palavras não são ditas em outros lugares. Que a povoação do RS foi feita por pessoas de todo o mundo. É importante destacar que tal temática mesmo sendo oficialmente um conteúdo da área da Língua Portuguesa, foi muito referido em nosso projeto que abordava predominantemente um assunto relacionado à área de Estudos Sociais.*

<sup>7</sup> Estudamos em nosso Projeto as variações linguísticas existentes aqui no RS. No decorrer do trabalho, no entanto, faço referência a esse tema como “*linguagem do gaúcho*”, modo como a turma se apropriou do conteúdo e como apareceu nas suas escritas.

<sup>8</sup> Adotei usar a primeira letra do nome dos alunos citados para não identificá-los.

Com base nessas primeiras análises, posso afirmar que a integração e a não delimitação dos conteúdos trabalhados trouxe benefícios para a aprendizagem dos alunos, visto que deu um maior sentido para suas aprendizagens.

Nessa mesma perspectiva, a hidrografia e o relevo do RS, conteúdos bastante específicos da área Sócio-histórica, também mostraram ter sido relevantes para a turma. Também aqui me questiono se essa significação seria a mesma se eu tivesse trabalhado de maneira isolada, sem procurar integrar tais conteúdos a tudo que estávamos estudando sobre o assunto. Penso ser importante salientar que esse conteúdo foi trabalhado de maneira lúdica e totalmente incorporado posteriormente ao já referido Portfólio.

Também merece ser destacado um fato que chamou a minha atenção ao analisar as fichas avaliativas. Refiro-me aos assuntos escolhidos pela turma sobre os quais eles gostariam de saber mais. Destacaram os alunos o trabalho realizado sobre as etnias formadoras do nosso estado, tema que despertou grande curiosidade, levando-os a querer buscar mais informações a respeito, assim como sobre as tradições e a linguagem específica do gaúcho. Mas, além disto, a turma se sentiu instigada a pesquisar outros temas além dos que havíamos estudado, e respostas como *Eu gostaria de saber sobre as coordenações políticas aqui no Rio Grande do Sul* (G., 11 anos) e *Por que os gaúchos são chamados de gaúchos?; Por que a nossa cidade se chama Porto Alegre?; Por que o nosso estado se chama Rio Grande do Sul?* (A., 9 anos), confirmam a veracidade das inquietações provocadas na turma.

Fatos como esse vão de encontro com o que afirma Hernández (1998, p.51) quando diz que é preciso “Ensinar os alunos a pesquisar a partir dos problemas relacionados com situações da vida real”, trazendo assim sentido àquilo que por eles é estudado, e promovendo maior interesse na aprendizagem.

Ainda nessa mesma perspectiva, acredito ser interessante destacar uma resposta muito significativa, tendo em vista o aluno que a escreveu. F., (12 anos) relata que *Eu gostaria de aprender cada vez mais coisas e me aprofundar nas matérias que aprendi*. O referido aluno no início de minha prática docente mostrava uma resistência grande em enturmar-se com os colegas e a considerar válido um modelo de aula diferente do que estava habituado. Foram necessárias diversas intervenções minhas para que, ao final do trimestre, surgisse no aluno essa visível

vontade de saber mais, de questionar e se *aprofundar* nos estudos. Percebo esse fato como um bom exemplo de que, segundo Hernández (2009, p.56), uma escola deva ser um lugar “Onde a indagação indique o caminho para chegar ao conhecimento sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesmo.” Ou seja, instigar os alunos a pensar e a questionar sobre o mundo pode ser um ótimo começo para que novas portas se abram para inúmeras possibilidades de aprendizagem.

#### 4.2 O QUE DIZEM OS ALUNOS NOS QUESTIONÁRIOS

Antes de realizar os questionários com a já referida turma, procurei especificar bem a eles do que se trataria a atividade que eu estava propondo. Procurei, dessa maneira, deixar o mais claro possível quais eram os meus objetivos em relação à minha pesquisa. No entanto, ao realizar a leitura posterior dos mesmos, pude constatar que alguns alunos confundiram a expressão “Currículo Integrado” com trabalho em grupo, forma de trabalho essa que muito realizamos durante o período de prática. Sendo assim, não foi possível o aproveitamento de todas as respostas dos questionários, tendo em vista que algumas delas não contemplaram meu objetivo.

O questionário era composto de seis perguntas:

1. Dos principais temas que trabalhamos dentro do Projeto “Nossas Raízes, Nosso Estado - Rio Grande do Sul”, (as tradições e a linguagem do gaúcho, os índios no nosso estado, os aspectos de relevo e hidrografia e a formação do povo gaúcho através das diversas etnias que para cá vieram), cita os que mais lembras e que foram mais significativos para ti?

2. Acreditas que ter trabalhado os temas acima citados integrando diferentes disciplinas favoreceu as tuas aprendizagens?

3. O que achaste de construir um Portfólio para armazenar nossas descobertas sobre um mesmo tema visto de forma integrada nas diferentes disciplinas?

4. O que consideras mais válido: o estudo individual das diferentes disciplinas ou o estudo integrado das mesmas? Por quê?

5. Destaca as vantagens e as desvantagens do estudo das disciplinas de forma separada:

6. Destaca as vantagens e as desvantagens do estudo das disciplinas de forma integrada:

Da mesma forma como procedi com as respostas das fichas avaliativas, realizei uma tabulação e delas extrai as respostas mais significativas tendo em vista meus objetivos de pesquisa.

Questão nº1	Questão nº2	Questão nº3	Questão nº4	Questão nº5	Questão nº6
Houve grande referência ao estudo das tradições e variações lingüísticas no RS, além da pesquisa sobre as etnias formadoras do nosso estado e do estudo da obra de dois artistas gaúchos (Iberê Camargo e Glauco Rodrigues).	A grande maioria das respostas apontou que o trabalho integrado das disciplinas contribuiu para as suas aprendizagens.	As respostas, na sua maioria, atribuíram elogios ao Portfólio, destacando a possibilidade de agrupar todas as disciplinas estudadas, envolvendo o tema RS.	É possível destacar que maioria da turma considerou como mais válido o estudo integrado, não deixando de atribuir ao ensino individual das disciplinas uma maior facilidade para a aprendizagem, pois assim “não se mistura.”	As principais vantagens do estudo não integrado, foi considerado ter mais conteúdo e poderem ser estes mais explicados. Entre as desvantagens aparece a troca de caderno, e o “ser chato e não ter divertimento”.	Entre as principais vantagens foi apontado o fato do aprendizado ser mais rápido e mais divertido, e entre as desvantagens que dessa forma se aprende menos conteúdo.

**Tabela 2** - Síntese das respostas dos questionários.

Com a primeira questão busquei investigar que atividades por mim propostas durante o período de prática docente haviam sido significativas, ou seja, quais eles ainda lembravam. Busquei, dessa forma, perceber que atividades das realizadas durante a minha prática tiveram de fato importância na vida daquela turma, indo de encontro com o que destaca Larrosa (2002) a respeito das experiências que nos passam durante a vida, levando em conta aquilo que realmente nos toca. Sendo assim, penso poder afirmar que as experiências vividas pelos alunos da referida turma fizeram de fato sentido para eles. Faço tal afirmação baseada em algumas respostas coletadas nos questionários, tais como *Bom, eu me lembro das línguas gaúchas e das etnias, e eu acho que isso foi muito, muitíssimo importante na minha*

vida, e ainda *O que mais lembro é das tradições e a linguagem do gaúcho, o que mais foi significativo pra mim foi saber sobre a povoação do nosso estado, também lembro da linha do tempo.* Analisando ainda a primeira questão do questionário, gostaria de enfatizar as lembranças a respeito do trabalho realizado com as obras de dois artistas plásticos gaúchos. No trabalho, busquei valorizar não só a cultura do nosso estado, mas também a disciplina de Educação Artística, que comumente é desvalorizada nos currículos e nas grades de horários, tendo assim um papel muito pequeno nas aprendizagens dos alunos.

Ainda gostaria de destacar a questão referente à construção do Portfólio. Foi possível notar, através das respostas obtidas, que o interesse da turma em construir e organizar tal material foi além da ideia de ser apenas divertido. Constato que os alunos perceberam os objetivos da proposta, ou seja, o de integrar de uma maneira lúdica, a prática e a teoria vista nos conteúdos, e puderam notar as relações existentes entre as diferentes disciplinas trabalhadas. Esse fato aparece em falas significativas coletadas dos questionários, das quais realizo um recorte de duas delas: *Foi muito legal, me ajudou bastante para eu aprender muitas descobertas no mesmo tema e Foi muito legal porque eu não sabia que Matemática podia ser introduzida em Estudos Sociais.*

Apesar de considerar importantes todas as perguntas propostas no questionário, mantive um olhar mais atento às questões nas quais busquei descobrir qual a maneira de organização curricular era considerada mais válida pelos alunos da turma na qual realizei meu período de prática docente. Destaco que as três últimas questões do questionário tinham como objetivo coletar as opiniões dos alunos a respeito do assunto.

Sendo assim, trago aqui algumas análises sobre essas questões. Ao ler as respostas dadas pela turma à questão número quatro, onde busquei investigar qual o modelo de organização curricular eles achavam ser mais válida, a grande maioria deu como resposta o modelo integrado, fazendo relação com o divertimento durante as aulas e com a união das disciplinas ao tratar um mesmo tema, como mostra a resposta seguinte: *Eu acho do estudo integrado porque a gente aprende tudo junto todas as matérias, é a mais divertida”.*

No entanto, é importante destacar também as respostas referentes à escolha do Modelo Linear como o mais apropriado para estudar. Conforme as respostas: *Na*

*minha opinião eu considero o estudo individual porque assim a gente aprende uma coisa de cada vez, porque fazendo tudo misturado não dá certo e Eu considero o estudo individual porque eu não me confundo*, é possível fazer relação com o que diz Hernández (1998, p.53), quando traz argumentos de acadêmicos que defendem esse modelo de ensino: “As disciplinas oferecem ‘ordem’ para a nossa compreensão. Ajudam a fazer com que as ideias estejam situadas e, definitivamente, contribuem para que a vida das pessoas seja melhor“. Para os alunos que assim se manifestaram, é possível afirmar, então, que manter a “ordem” das disciplinas favorece de fato a sua compreensão bem como a sua organização na hora de estudar.

Ao iniciar a leitura e as análises das duas questões (questões 5 e 6) que buscavam coletar a opinião dos alunos sobre vantagens e desvantagens a cerca dos dois modelos de organização curricular, pude notar uma relação entre as respostas de ambas. A referência à quantidade de conteúdos trabalhados é recorrente nas respostas, fato esse que merece ser destacado aqui. Como exemplo, trago uma resposta referente à pergunta cinco (vantagens e desvantagens a cerca com Modelo Linear-Disciplinar): *Vantagens: mais fácil de entender e mais conteúdo*, e outra referente à pergunta seis (vantagens e desvantagens a cerca do Currículo Integrado): *É que a gente aprende menos, só que é bem mais divertido e bem mais legal*.

Ao realizar essa análise, me questiono se de fato trabalhar integrando as diferentes disciplinas pode prejudicar a totalidade de conteúdos exigidos pela escola. Ao lembrar minhas práticas com a referida turma, percebo que busquei integrar o maior número de conteúdos dentro do meu projeto. No entanto, penso que alguns deles podem sim ter sido menos trabalhados já que a minha organização e proposta de trabalho exigiam outras prioridades durante as aulas, que iam além dos conteúdos programáticos dos livros didáticos. Refiro o que diz Hernández (1998, p.53) sobre a visão dos defensores do ensino fragmentado: “Consideram que a integração de várias matérias escolares numa só lição leva à redução dos conteúdos do currículo das áreas originais que devem ser abordadas no programa do curso.” Importante ressaltar que essa visão não é defendida pelo citado autor.

No entanto, creio ser importante destacar que também obtive respostas dos alunos que validavam o Currículo Integrado como sendo o mais propício para suas

aprendizagens, onde referiram que essa forma de trabalho permitiu “ficar mais informado”, pois tiveram a oportunidade de coletar dados em outros meios que não apenas os livros didáticos; e ainda a “facilitação do estudo através da mistura entre as matérias”<sup>9</sup>.

Ainda buscando avaliar as respostas dadas pelos alunos nas já referidas duas últimas questões do questionário, percebi que muitos deles fizeram referência ao divertimento das aulas quando integramos as disciplinas, e ainda, a não necessidade de haver frequente troca de cadernos, fazendo assim com que se mantivessem mais tempo concentrados em uma mesma atividade.

#### 4.3 O QUE CONFIRMAM OS ALUNOS NAS ENTREVISTAS

Para a realização das entrevistas, tomei como critérios de escolha aspectos diferentes entre os quatro alunos escolhidos. A escolha de dois alunos foi feita através dos questionários, por me chamaram a atenção suas respostas, que julguei terem importante contribuição para a pesquisa. Outros dois alunos foram escolhidos devido ao histórico individual dos mesmos dentro da sala de aula, no meu período de prática. Um desses alunos possuía grande dificuldade de aprendizagem durante o período em que estive com a turma, tendo lhe sido sugerido pela escola que realizasse acompanhamento com um Psicólogo. No entanto, esse aluno deu um grande salto de qualidade na sua aprendizagem, desde o meio do ano até o final do mesmo, segundo a direção da escola, fato esse que me deixou bastante intrigada e me levou a questionar os motivos de tal mudança. O outro aluno selecionado teve um grande avanço no período da minha prática docente, e foi do meu interesse avaliar esse processo. Importante ressaltar que, dos quatro alunos selecionados, apenas três realizaram as entrevistas, tendo em vista que uma menina não devolveu o termo de consentimento informado nos dias marcados. Creio ser importante ainda relatar que farei referência aos dados das entrevistas apenas aqueles de interesse para meu tema de estudo.

Para a realização das entrevistas, busquei me basear nas respostas obtidas nos questionários, buscando ter com os alunos uma conversa que me elucidasse a cerca de algumas delas. No primeiro dia marcado para realizá-las, conversei com

---

<sup>9</sup> Fragmentos de respostas obtidas nos questionários realizados.

dois alunos. A primeira entrevista foi feita com um menino que tinha alguns problemas de aprendizagem durante meu período de prática. Vou aqui chamá-lo de L. (11 anos), e referir-me a mim, em todas as transcrições das entrevistas com a letra P. (pesquisadora). No questionário, L. destacou que acreditava ser mais válido trabalhar com as disciplinas de forma separada, pois dessa forma *aprendemos as coisas separadas, e isso é bom*. Opinião essa que o aluno confirma em um trecho da entrevista:

P: Tá, e tu achas que organizando as matérias assim num Portfólio, tu achas que conseguistes aprender melhor assim, ou tu achas que agora tu estás conseguindo aprender melhor as matérias. O que tu achas?

L: Olha, eu gostei de aprender daquele jeito, como posso dizer, junto, sabe? Mas eu to vendo que agora, separado, eu consigo fazer melhor, porque misturar um monte de matéria na minha cabeça, eu não consigo lembrar de todas.

P: Então, pra ti, o melhor jeito de tu estudares, de tu te organizares e de tu aprenderes é sendo tudo separadinho?

L: É isso. Agora que eu vi que eu melhorei desse jeito aí.

P: Tu melhoraste assim, né?

L: Sim.

Penso ser importante lembrar que o aluno em questão deu um grande salto qualitativo no seu processo de aprendizagem após o segundo trimestre do ano de 2010 após o período de minha prática. Pergunto se esse fato se pode atribuir a maneira de trabalho diferenciada adotada pela professora titular da turma, que organiza as disciplinas de maneira fragmentada, fato esse que facilitaria a organização dos estudos para alguns alunos.

Outro ponto relevante da entrevista com L. foi quando o aluno mencionou o fato do seu interesse em ler, principalmente assuntos escolhidos por ele, ou seja, a escolha de leituras feitas por lazer, fora das “obrigatórias” da escola, mas que também podem trazer grandes momentos de aprendizagens. O assunto surgiu porque L. me questionou se eu não iria terminar de ler o livro “O Pequeno Príncipe” para a turma, livro esse que iniciei a leitura durante meu período de prática docente, mas acabei não concluindo, pois a professora titular me pediu que “desse mais conteúdo” para à turma. Segue um pequeno trecho do relato do aluno:

P: Eu poderia tentar um dia, mas agora fica tão difícil, né, vocês já vão pra 5ª série. Mas eu gostaria muito de ter terminado de ler o livro pra vocês. Tu chegastes a pegar na biblioteca?

L: Olha, eu procurei pra ler, mas não encontrei. É que o meu interesse mesmo em leitura, **eu costumo me dar bem na leitura com o que eu gosto**. Tipo, eu gosto muito de Astronomia.

Na outra 3ª série, do ano passado<sup>10</sup>, eu peguei um livro de Astronomia e decorei todos os planetas do nosso Sistema Solar, até hoje os que estão sendo descobertos.

Ao ouvir essa fala de L., percebi que, de fato, estudar e ler assuntos referentes aos interesses dos alunos pode ser um grande incentivo nos processos de ensino aprendizagem dos mesmos, pois o fato do aluno se identificar com o tema o qual está estudando facilita a sua compreensão do assunto, pois ele fará sentido e formará significados para o uso além da escola.

A segunda entrevista deste dia foi realizada com a aluna J. (9 anos). As respostas desta aluna foram um pouco mais curtas e objetivas, e foi com alguma dificuldade que consegui com que ela falasse um pouco mais, principalmente quando pedi que ela me explicasse suas respostas quanto à validade do estudo das disciplinas considerando os dois modelos. Infelizmente a aluna deu respostas vagas e diferentes do que havia respondido no questionário. No entanto, penso ser importante destacar o trecho onde a aluna revela ter gostado de aprender mais sobre o Rio Grande do Sul:

P: E o que tu achaste de estudar o RS?

J: Legal, porque antes eu sabia pouca coisa do que a gente aprendeu.

P: E tu achas que isso foi importante para tua vida?

J: Foi, aprender sobre o meu estado, onde eu moro...

Creio poder afirmar, mais uma vez, o quanto esse assunto – O estudo do Rio Grande do Sul - foi relevante para a turma, devido ao engajamento demonstrado durante o período de prática, e ainda pelas lembranças que externam quando falamos sobre o tema. Conforme Santomé (1998, p.41), “A aprendizagem significativa ocorre quando as novas informações e conhecimentos podem relacionar-se de uma maneira não arbitrária com aquilo que a pessoa já sabe”, ou seja, os conhecimentos que a turma já possuía a respeito do nosso estado, adquiridos pelas suas vivências e também por estudarem o assunto em outras séries, puderam ser relacionados com as novas aprendizagens que construíram ao longo do nosso trabalho, formando assim uma aprendizagem significativa.

Foi preciso realizar uma segunda visita a escola para concluir o trabalho das entrevistas, já que dois alunos não haviam levado o termo de consentimento

---

<sup>10</sup> O aluno se refere ao ano que repetiu a 3ª série do Ensino Fundamental.

assinado na primeira vez que fui à escola. No entanto, neste dia, como já mencionado acima, apenas um aluno pode realizar a entrevista, já que a outra aluna selecionada não levou o termo assinado pelos responsáveis.

A conversa com F. (13 anos) foi muito tranquila, e quase nada lembrou o menino que há alguns meses atrás não aceitava a minha maneira de trabalhar com a turma, questionando os meus métodos e maneira de organização do tempo e do espaço da aula. O primeiro trecho que considero interessante trazer para análise diz respeito à validade do estudo de maneira integrada ou fragmentada, questionamento esse que fiz ao aluno após conversarmos um pouco sobre a confecção e organização de nossos estudos das diferentes matérias dentro do Portfólio:

P: Tu achaste legal então? [Portfólio] Ok! E tu achas que tu conseguiste aprender melhor assim, ou tu achas que isso não fez diferença, que se fosse tudo separadinho, por exemplo, agora é aula de Estudos Sociais, agora é aula de Português, tu achas que tu ias conseguir entender do mesmo jeito?

F: Não, porque quando 'ta' tudo misturado a gente estuda tudo junto. Quando a gente 'ta' vendo alguma coisa, a gente já acha a matéria interessante e já fica por aquela matéria lendo.

É possível perceber a coerência da resposta acima citada, onde o aluno faz referência à facilidade de encontrar os conteúdos trabalhados em um só documento, nesse caso o Portfólio, com a resposta dada por ele abaixo, onde comenta sobre o seu hábito de utilizar apenas um caderno para todas as disciplinas:

P: Ta, então mais uma pergunta só: eu perguntei nos questionários quais eram as vantagens, então, o que tinha de bom e o que tinha de 'ruim' em trabalhar com as matérias juntas. Tu achas que tem alguma coisa que tu gostarias de falar, que tu não gostaste...

F: Não acho nada de ruim, não tem, porque eu sempre, eu me acostumei a escrever em um caderno só, eu não tinha um caderno pra cada matéria.

Justifico o meu destaque para as respostas acima por ir de encontro com o que defendo neste trabalho, de que a organização dos conteúdos não deve necessariamente obedecer a uma linearidade, ou seja, seguir uma ordem fixa a ser estudada, e sim oferecer diferentes meios onde os alunos pesquisem sobre temas significativos, de seus interesses e que os organizem de uma maneira clara que facilite os seus estudos, como o Portfólio parece permitir.

## 5. CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

[...] preparar para aprender toda a vida...  
Hernández (1998, p.49)

Ao iniciar este capítulo de possíveis análises a cerca do tema por mim aqui apresentado, julgo ser necessário recorrer às minhas questões iniciais. Durante este trabalho, através de leituras, questionamentos e análises, busquei responder: O Currículo Integrado via Pedagogia de Projetos pode ser considerado como uma adequada maneira de ensinar, aprender e favorecer as aprendizagens dos alunos? Como os alunos vêem as vantagens e as desvantagens do estudo das disciplinas de forma integrada e não integrada? E, ainda, quais dessas modalidades julgam ser mais prazerosa e mais produtiva para suas aprendizagens?

Através das respostas obtidas nas fichas avaliativas aplicadas por mim ao final da prática docente, me foi possível constatar que o trabalho integrado das disciplinas despertou nos alunos grande vontade de pesquisar, de assumir um papel de investigadores e produtores do seu conhecimento, e de não ficarem apenas na condição de receptores de informações. Esse fato pode ser constatado em falas como as já citadas e, ainda, em exemplos como as respostas dadas ao serem questionados sobre o que ainda gostariam de aprender sobre o RS: *As principais leis do RS e o primeiro governador do RS* (L., 9 anos) e ainda *Todas as ruas, todas as avenidas, todos os museus famosos, e as pessoas que estão ajudando a gente.* (N., 9 anos). Falas como essas demonstram a curiosidade provocada na turma em querer buscar novos dados sobre o assunto estudado, em não contentar-se com o pronto, apenas com o material trazido pela professora. Para ilustrar minhas ideias, trago Hernández, (1998, p.31), que afirma que: “Trata-se, então, de ensinar aos alunos a interpretar a realidade, o que significa interessar-se pelas diferentes versões dos fenômenos, pelas suas origens e pela busca das forças (os poderes) que as interpretações criaram.” Ou seja, é preciso criar nos e com os alunos, a necessidade dessa busca por novas interpretações, novas e diferentes fontes que falem sobre um mesmo tema, a fim de enriquecer os processos de aprendizagem.

Sendo assim, penso poder afirmar que o trabalho realizado integrando as diferentes disciplinas pode contribuir na construção de novos conhecimentos

daqueles alunos. No entanto, julgo ser perigoso assinalar que a modalidade de ensino por mim adotada deva ser vista como a melhor estratégia de ensino. É importante destacar que, apesar das respostas obtidas apontarem esse modelo como mais favorável, ele não pode ser considerado como o único ou o 'mais certo', pois como assinala Hernández:

“O ensino mediante ‘projetos de trabalho’, centros de interesse’, projetos interdisciplinares’, currículo integrado’, pesquisa sobre o meio’, créditos de síntese’ foram algumas das iniciativas que se desenvolveram para responder, de uma maneira mais ou menos satisfatória, às mutáveis demandas e necessidades às quais a Escola deve responder.” (Hernández, 1998, p.38)

Ou seja, apesar das grandes contribuições obtidas pelo uso do Currículo Integrado, é necessário lembrar que ele é apenas uma das opções para os processos de ensino e para atender às necessidades dos alunos.

Levando em conta os dados obtidos nos questionários e nas entrevistas posteriormente realizadas, é possível constatar que muitos alunos vêem o trabalho de maneira integrada como mais divertido e sendo assim, facilitador das suas aprendizagens. No entanto, é importante ressaltar que alguns alunos demonstraram preferirem trabalhar com as disciplinas de forma separada, por julgarem ser mais fácil na hora de estudar e de organizar seus conhecimentos.

No entanto, após realizar essa pesquisa, penso que mais que a escolha entre um ou outro modelo de organização curricular, é necessário que os professores pensem sempre em estratégias que favoreçam a aprendizagem de seus alunos, buscando levar em conta seus interesses e, mais do que isso, procurem criar um ambiente agradável e facilitador do processo de ensino, tornando a sala de aula um lugar rico e aberto a inúmeras possibilidades.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Série Pesquisa. Líber Livro. Brasília, 2008.

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. A Pesquisa no cotidiano escolar. In: **Metodologia da Pesquisa Educacional**. FAZENDA, Ivani (org.) Cortez Editora. São Paulo, 1994.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da Pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Maria C. V. (org.) **Caminhos Investigativos: Novos olhares na pesquisa em educação**. Mediação. Porto Alegre, 1996.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Editorial Estampa. 4ª edição. 1986.

HERNÁNDEZ, Fernando. Após a aventura, perseguindo uma utopia. In: **Pátio – Revista Pedagógica**. Artmed. Ano XIII. V.13, nº 49. Fevereiro/Abril, 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando. VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho – O conhecimento é um caleidoscópio**. Artmed. Porto Alegre, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. Repensar a função da escola a partir dos Projetos de Trabalho. In: **Pátio – Revista Pedagógica**. Artmed. Ano II. V.2, nº6. Agosto/Outubro, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação – Os projetos de trabalho**. Artmed. Porto Alegre, 1998.

JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Artmed. Porto Alegre, 1994.

KILPATRICK, Willian H. **Educação para uma civilização em mudança**. Melhoramentos. São Paulo, 11ª edição. 1973.

LARROSA Bondía, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Disponível em [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf). Acesso em: 13 nov.2010.

PITOMBO, Maria Isabel M. Conhecimento, **Valor e Educação em John Dewey**. Livraria Pioneira. São Paulo, 1974.

TORRES Santomé, Jurjo. **Globalização e interdisciplinariedade** – O currículo integrado. Artmed. Porto Alegre, 1998.

XAVIER, Maria Luisa M. Planejamento do Ensino na Escolarização Inicial: Globalização, Interdisciplinariedade e Integração Curricular. In: XAVIER, Maria Luisa M e DALLA ZEN, Maria Isabel H (orgs.) **Caderno de Educação Básica 5. Planejamento em Destaque** – análises menos convencionais. Mediação. Porto Alegre, 2000.

XAVIER, Maria Luisa M., ÁVILA, Ivany, RIBEIRO, Maria Judith S., KOCH, Maria Celeste, KINDEL, Eunice A. I., HICKMAN, Roseli. Planejamento e prática de ensino em séries iniciais: introduzindo a questão. In: XAVIER, Maria Luisa M., DALLA ZEN, Maria Isabel H. (orgs.) **Cadernos de Educação Básica 1. O Ensino nas Séries Iniciais – Das Concepções Teóricas às Metodologias**. Mediação. Porto Alegre. 2004.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília, VILELA, Rita A. T. (orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. DP&A. Rio de Janeiro, 2003.

## APÊNDICE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFRGS/FACED/CURSO DE PEDGOGIA

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso:

### “SORA, QUE CADERNO EU PEGO?” – O MODELO LINEAR-DISCIPLINAR EM QUESTÃO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A presente pesquisa está vinculada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É produzida para fins de Trabalho de Conclusão de Curso e tem como objetivo investigar qual modelo de currículo, o linear-disciplinar ou o integrado, favorece uma maior aprendizagem dos alunos.

Para isso, será realizado, no ambiente escolar, um levantamento de dados através de questionários, bem como de entrevistas, com os alunos que se dispuserem a participar do estudo e cujas famílias permitirem tal participação.

Seu filho ou filha está convidado/a a participar deste estudo. Assim, sua autorização é solicitada para que a pesquisadora responsável pela investigação Vanessa Vidor Duarte, aluna do Curso de Pedagogia, possa realizar este trabalho. Os dados e resultados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionado o nome do/a participante em apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado, sendo, assim, garantida a privacidade e a confidencialidade das informações.

Eu, \_\_\_\_\_ responsável por \_\_\_\_\_, fui informado sobre os objetivos da pesquisa acima descrita e concordo que meu filho/a participe da mesma.

Caso tiver novas perguntas sobre o estudo, poderá entrar em contato com a pesquisadora Vanessa Vidor Duarte através do telefone 84181712 ou com sua orientadora Profª. Drª. Maria Luisa Merino de Freitas Xavier, na Faculdade de Educação, pelo telefone 3308-4154.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Responsável

Assinatura da aluna Pesquisadora  
Vanessa Vidor Duarte

Assinatura da Professora Orientadora  
Maria Luisa Merino de Freitas Xavier

Porto Alegre, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2010.